

Sobre amores e dores: análise de narrativas de mulheres vitimadas por relacionamentos violentos e destrutivos

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i1.3494>

Fábio Fernando Lima¹

Resumo

Partindo do quadro teórico oferecido pela Análise da Narrativa, este trabalho analisa narrativas de histórias de vida de mulheres pobres que vivenciaram relacionamentos conjugais violentos, descrevendo as maneiras pelas quais essas mulheres operam discursivamente com determinados aspectos normativos estabelecidos socialmente, atrelados aos atravessamentos de “gênero”, “raça” e “classe social”, bem como as maneiras pelas quais tais atravessamentos se articulam com elementos e sistemas sociais contemporâneos. Nesse caminho, sobretudo nas “avaliações” das narrativas analisadas, foi possível observar como as narradoras sustentaram ou, no mais das vezes operaram fissuras significativas sobre as normas de “gênero” e “classe social” vigentes - neste último caso, através da performance de novos aspectos morais direcionados para novas formas de habitar mundos saudáveis, sem sofrimento nem violência.

Palavras-chave: Análise da Narrativa; gênero; classe social; relacionamentos destrutivos.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; fabiofernandolima@uol.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-1632-9463>

About love and pain: analysis of narratives of women victimized by violent and destructive relationships

Abstract

Starting from the theoretical framework offered by Narrative Analysis, this work analyzes narratives of life stories of poor women who have experienced violent marital relationships, describing the ways in which these women operate discursively with certain socially established normative aspects, crossings of “gender”, “race” and “social class” categories, as well as the ways in which such crossings are articulated with contemporary social elements and systems. Along this path, especially in the “evaluations” of the analyzed narratives, it was possible to observe how the narrators supported or, in most cases, created significant cracks in the current “gender” and “social class” norms - in the latter case, through the performance of new moral aspects aimed at new ways of inhabiting healthy worlds, without suffering or violence.

Keywords: Narrative Analysis; gender; social class; destructive relationships.

Introdução

A presente pesquisa, de inspiração etnográfica, foi concebida a partir do entrecruzamento de experiências profissionais do autor, especificamente enquanto pesquisador em Análise da Narrativa e coordenador e gestor de assistência social em um pequeno município estabelecido no Noroeste Paulista. Durante o período compreendido entre os anos de 2013 e 2016, o pesquisador envolveu-se em interações com mulheres negras, pobres, beneficiárias de programas socioassistenciais governamentais, vivendo em condições precárias de trabalho e, muitas vezes, de moradia, e ouvia relatos de sofrimento e violência doméstica trazidos por muitas dessas mulheres. A construção identitária que emanava dessas histórias de vida, o alinhamento ou desalinhamento em relação às posições hegemônicas atinentes às questões de gênero e classe social nas narrativas construídas ao longo de cada interação foram despertando o interesse por uma análise mais profunda.

Nesse contexto, a pesquisa propriamente dita teve início com a observação participante do pesquisador nas reuniões do grupo de mulheres atendidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)² do município. Considerando que, dentre o público-

2 Segundo definição elaborada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é um serviço da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que é ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias, realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI).

alvo, esse serviço é voltado também para mulheres vítimas de violência inscritas no Cadastro Único, procedeu-se posteriormente às entrevistas etnográficas. Essas entrevistas foram realizadas durante os meses de março e abril de 2018, com nove mulheres atendidas pelo SCFV, já no contexto do envolvimento do pesquisador com a pesquisa em narrativa, sendo que duas dessas entrevistas virão a compor o material a ser analisado neste artigo. Nesse sentido, estabelecemos como objetivo principal para este trabalho o de observar e descrever como essas mulheres operam discursivamente e constroem as suas identidades a partir de determinados aspectos normativos estabelecidos socialmente, atinentes aos atravessamentos de “gênero”, “raça” e “classe social” presentes nas narrativas por elas enunciadas em situação de entrevista.

A entrevista qualitativa constitui-se em importante ferramenta da pesquisa interpretativista (Cf. Denzin; Lincoln, 2006), principalmente no que tange ao estudo da narrativa, posto que “a análise de como e o que as pessoas narram em entrevistas de pesquisa remete a estruturas socioculturais mais amplas, ao universo social no qual transitam os interactantes” (Bastos; Santos, 2013, p. 13). De forma análoga, Mishler (1986) defende a entrevista como o método básico de pesquisa, uma vez que, na visão do autor, as entrevistas propiciam a ocorrência de histórias, o que corrobora a decisão desta pesquisa de optar por essa ferramenta.

Considerando os atravessamentos que envolvem o material em análise, destacamos desde já que nos ancoramos na posição assumida pelas teorias interseccionais de gênero (cf. Collins; Bilge, 2016), caracterizadas por considerar que o sujeito social é constituído sócio-histórica e discursivamente a partir da integração entre gênero, classe social, raça, nível de escolaridade, etc. As teorias interseccionais de gênero constituem uma espécie de alicerce para o pensamento feminista negro contemporâneo (cf. Collins, 2019, Ribeiro, 2017, dentre outros). Nesse contexto, Collins (2019) faz uso do conceito de “matriz de dominação” para refletir sobre a intersecção das desigualdades; de acordo com esse conceito, uma mesma pessoa pode se encontrar em diferentes posições, a depender de suas características. Assim, seria no entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre outro, que experiências das diferentes formas de “ser mulher” estariam assentadas.

Esses aspectos são fundamentais para analisarmos a partir de qual “lugar de fala” (Ribeiro, 2017) enunciam as entrevistadas, a cada momento refletindo tais atravessamentos: “ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa

Ofertado geralmente nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) (ou nos Centros de Convivência), o SCFV realiza atendimentos em grupo, caracterizando-se como uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares, objetivando fortalecer as relações familiares e comunitárias” (Brasil, 2015, s/n).

marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica" (Ribeiro, 2017, p. 34).

Ao se comprometer em atribuir voz a um grupo historicamente silenciado, partimos da premissa de acordo com a qual experiências refletidas em histórias de vida importam, já que por meio dessas histórias pode-se buscar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual as entrevistadas fazem parte e quais são as experiências que compartilham enquanto grupo (Cf. Collins, 2019). Destacamos, outrossim, um impacto localizado que pode ser implementado por esta pesquisa no processo microsituado de ouvir as mulheres acometidas por situações de violência, em situações e espaços de escuta que possibilitam o irrompimento de narrativas atreladas a estas situações de sofrimento humano.

É sob essa perspectiva que assumimos que as narrativas relacionadas às trajetórias de vida também podem ser entendidas como elaborações produtoras de gêneros e dos demais atravessamentos sob análise, à medida que atualizam esses sistemas gerais vigentes na sociedade, articulando estrutura e prática social. Nesse contexto, faz-se imperiosa a necessidade de evocar teorias que fazem referência aos grandes discursos que circulam na sociedade, principalmente aqueles denominados por Gee (2005) "CapitalD Discursos", amplamente divulgados por meio de uma variedade de modos semióticos e que podem ser evocados para se identificar membros de grupos socialmente significativos ou "rede social". No caso deste trabalho, valeremo-nos do conceito de "sistemas de cerência" de Linde (1993) – responsável por demarcar os valores morais que emergem nas narrativas – dos estudos sobre a moral dos pobres, estabelecidos no âmbito da Antropologia e, ainda, as considerações sobre o "cuidado de si", elaboradas por Foucault em "História da sexualidade".

Na verdade, ecoando a posição assumida por Butler (2014), de acordo com a qual a categoria "gênero" tanto se atrela ao mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas quanto coloca esses aspectos em questão, produzindo transformações nas convenções sociais generificadas, esta pesquisa também assume por objetivo mostrar como novas "subjetividades" emergem em contextos contemporâneos, nas entrevistas sob análise.

1. A Análise da Narrativa e a questão da construção das identidades

As primeiras pesquisas sobre narrativa foram elaboradas por Labov e Waletzky (1968) e Labov (1972), assentadas em uma concepção de narrativa enquanto um método de se recapitular experiências passadas. Nas palavras de Labov (1972, p. 37), "a narrativa será considerada [...] uma técnica para construir unidades narrativas que correspondem à sequência temporal daquela experiência".

Labov (1972) apresenta uma proposta de estruturação de narrativas bem formadas, composta basicamente pelos seguintes itens: 1) “sumário”: resumo inicial, com introdução do assunto e da razão por que a história é contada; 2) “orientação”: identificação de personagens, tempo, lugar e atividades narradas; 3) “ação complicadora”: sequenciação temporal de orações narrativas, em que o narrador efetivamente conta o que aconteceu (de acordo com Labov, se ao menos duas orações no passado estiverem sequencializadas, remetendo a um passado temporal, se está diante de uma narrativa); 4) “avaliação”: explicitação da postura do narrador em relação à narrativa, bem como da razão de ser da narrativa; 5) “resultado”: desfecho da narrativa, em que o narrador revela o que “finalmente aconteceu” (Labov, 1972, p. 370); 6) “coda”: encerramento do relato com uma síntese, avaliação dos efeitos da história ou retomada do tempo presente.

Embora esse modelo dito “canônico” continue a influenciar muitas pesquisas na área, as propostas atuais, ditas “não canônicas”, vêm apontando críticas e revisões ao modelo laboviano. Considerando-se os objetivos que norteiam este trabalho, utilizamos a proposta de Labov por ser especialmente útil no processo de identificação formal da narrativa, mas foi sobretudo a proposta dita “não-canônica” apresentada por Linde (1993), voltada para análise de narrativas de histórias de vida e experiências pessoais coletadas em entrevistas (de modo análogo ao material a ser analisado neste artigo) que serviu de suporte para a análise operada neste artigo.

De uma maneira geral, podemos dizer que Linde (1993) busca demonstrar de que forma as estruturas narrativas, entendidas enquanto encaminhamentos sociais e discursivos, atuam na construção das identidades. Isso porque, de acordo com a autora, ao elaborar suas histórias de vida, os enunciadores buscam apresentar-se e marcar sua existência a partir de critérios de propriedade e aceitação cultural, os quais estão estabelecidos socialmente: os fatos são organizados em sintonia com as crenças que circulam na sociedade. Nesse contexto, as identidades sociais se deixam transparecer nas histórias de vida porque, a partir delas, constroem-se os sentidos de adesão que os enunciadores reivindicam para si mesmos.

Além da observação da sequência na qual as ações são narradas, a autora destaca a importância de se observar a construção da coerência do relato, por meio das relações de causalidade, para interpretar adequadamente os significados pessoais e sociais das histórias de vida. Essa construção de coerência é chamada por Linde (1993) de “sistemas de coerência”, e corresponde aos discursos estruturantes das crenças, dos valores, da cultura e dos interesses compartilhados pelo narrador durante a interação.

Segundo Labov, as avaliações são responsáveis pelo clima emocional da história e mostram as diversas atitudes do narrador em relação aos eventos que aparecem em sua própria narrativa. Elas apontam, ainda, para o ponto de cada episódio narrado: seja para apresentar um comportamento bem-conceituado socialmente, para que o narrador

tenha a oportunidade de mostrar como mudou ao longo do tempo e agora passou a agir de outra forma, ou para apresentar uma divergência de valores do narrador em relação ao senso comum. Essas mudanças emergem, nas histórias de vida, como “quebras de expectativas” (Moita Lopes, 2001).

Para Bastos (2003), é por meio da avaliação que o enunciador encontra espaço para comentar aspectos do que foi narrado, deixando entrever suas crenças, valores, afiliações, posicionamentos na hierarquia social e qualificações. Por isso mesmo, Biar (2012, p. 117) afirma que a avaliação se configura, então, “como o aspecto mais fundamental para a construção de identidade”.

Para Linde (1997), a avaliação é justamente o momento da narrativa em que emergem pistas sobre as maneiras pelas quais as narrativas devem ser compreendidas e quais valores morais estão atribuídos aos personagens e eventos narrados. Nesse sentido, de uma maneira mais aberta que aquela observada no modelo canônico de Labov (1972) e Labov e Waletzky (1968), a autora entende, por “avaliação”, “qualquer instanciação produzida pelo falante que tenha sentido social ou indique o valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (Linde, 1997, p. 152). Amplia-se, portanto, a associação entre avaliação e dimensão moral da narrativa.

Nesse processo de ampliação do modelo laboviano, Linde (1997) afirma que uma das dimensões avaliativas e estruturantes da narrativa faz “referência às normas sociais”, em função do fato de elas conterem, inevitavelmente, comentários morais, avaliações sobre quais comportamentos são adequados ou não e julgamentos normativos sobre os atores sociais das histórias narradas. Para Linde (1997, p. 153), “uma avaliação desse tipo compõe o coração da narrativa; a narrativa oral visa muito mais a alcançar um acordo sobre significados morais em diversas ações do que um simples reportar dessas mesmas ações”.

Em um âmbito maior, coloca-se a pertinência da Análise da Narrativa para a abordagem de questões atinentes à construção identitária e interação social, questões estas que têm sido entendidas, contemporaneamente, como centrais em estudos como os de Mishler (2002), Riessman (2008), Bastos (2005), Bastos e Biar (2015), dentre outros. Nesse sentido, conforme bem lembra Bastos (2005), as escolhas que fazemos ao nos introduzirmos como personagens em certos cenários, em meio a outros personagens e ações, se dão em função do modo como nos posicionamos em relação a esses elementos e nos afiliamos a certas categorias sociais, mesmo que contingencialmente, sendo parte de um processo de apresentação e interpretação de pelo menos algumas dimensões de quem somos: “ao contar estórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores, ou seja, ao contar estórias, estamos construindo identidades” (p. 81). A partir dessas histórias, pode-se elaborar articulações com o contexto macro-contextual ou sócio-histórico. Afinal, conforme afirma Bastos (2005, p. 80), sobre a Análise da Narrativa

[...] padrões sociais relativos a identidades nacionais, gênero, idade, profissão, religião, classe social também informam a produção e a interpretação de narrativas, o que, por sua vez, vai atuar na manutenção desses mesmos padrões. Por outro lado, a cada performance, o narrador necessariamente transforma a estória em função das especificidades da situação, o que traz também a possibilidade da interferência na estrutura social normativa. O interesse por essas questões vem aumentando nos últimos anos, grande parte em função das lutas das minorias sociais.

2. Narrativas de mulheres em contextos de relacionamentos violentos

Afirmamos anteriormente que a pesquisa propriamente dita teve início com a observação participante do pesquisador nas reuniões do grupo de mulheres atendidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do município. De acordo com o MDS³, o SCFV possui um caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades dos usuários, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Deve ser ofertado de modo a garantir as seguranças de acolhida e de convívio familiar e comunitário, além de estimular o desenvolvimento da autonomia dos usuários (Brasil, 2015, p. 8).

No caso específico do grupo de mulheres vítimas de violência atendidas pelo SCFV, havia um estímulo para a *prática do cuidado de si*, assumindo-se como premissa que, a partir das histórias pessoais e particulares de cada uma dessas mulheres, seria possível realocá-las no mundo. Essa prática terapêutica era conduzida primordialmente por uma psicóloga. Se apreender o sofrimento era uma tarefa árdua, trabalhar sobre memórias e emoções fraturadas em relações violentas exigia um olhar para si mesma, exercício necessário para transformar pensamentos e condutas.

Nesse sentido, entendemos que as experiências de sofrimento, dor e amor, assim como aquelas vivenciadas em contextos machistas e violentos, enunciadas pelas narrativas femininas, estão atravessadas por normas atinentes às questões de gênero, moralidades e emoções. Conforme aponta Andrade (2018, p. 58),

[...] as narrativas femininas acionam e produzem, além de normas de gênero e sexualidade e as emoções que as atravessam, as múltiplas moralidades a respeito daquilo que se espera da dinâmica familiar: cuidado com os filhos, a sexualidade conjugal, as condutas sobre paternidade e maternidade, as tarefas domésticas. Assim, não podemos nos esquecer da dimensão moral das narrativas sobre

3 Disponível em: <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

experiências vividas e lembradas, ou seja, ela não existe sem uma economia de regras que estabelecem convenções sociais aceitas sobre o que se pode ou não fazer.

Dentre as nove entrevistas analisadas por esta pesquisa, foram selecionadas, para este trabalho em particular, duas entrevistas, representativas das demais: uma entrevista com Michele (28 anos) e outra com Fernanda⁴ (34 anos). Houve uma preocupação em dividir o percurso analítico em dois momentos distintos, correspondentes a etapas diferentes da construção narrativa das entrevistadas: em um primeiro momento, analisaremos os episódios de pobreza, dor e violência que foram vivenciados nos seios familiares; em um segundo momento, demarcado após o casamento, a reiteração desses episódios e as maneiras pelas quais as narradoras, após determinados “pontos de virada” fortemente atrelados a uma “prática do cuidado de si”, constroem, graças as suas agências, a superação e sobrevivência, após terem vivenciado um universo de tristezas e destrutibilidade.

Uma primeira constância que emergiu nas narrativas enunciadas pelas mulheres em questão foi o fato de todas elas relatarem – em uníssono e já de início – uma infância e adolescência marcadas por uma situação de extrema pobreza, trabalho duro, dificuldades vivenciadas com pais alcoólatras, dentre outros aspectos. Nesse sentido, o casamento emerge como uma tentativa de encontrar uma “porta de saída”, uma fuga sem muita elaboração da violência perpetrada pelos pais e das dificuldades financeiras encontradas nos seios familiares, conforme podemos observar no excerto a seguir⁵:

1.

001	Michele	ahh Michele foi uma <u>menina</u> criada na família simples <u>humilde</u> , né? que:: já com:: quinze ANOS já quis:: conhecer bendizer a vida >achar que conhece a vida< né? . é:: nós temos na minha vida:: pai al- nasci cresci em meio de pai alcólatra [é::] né? uma situação um <u>conflito</u> quando acontecia de <u>beber</u> , ver batendo na minha <u>mãe</u> tudo:: <u>sofrimento</u> , roça chegamos pegando um período de roça ainda trabalhar em <u>café</u> , e até quando já completei os 15 <u>anos</u> aí já:: começou a vir o interesse de querer <u>namorar</u> já <u>namorei</u> já <u>amiguei</u> com 16 anos já engravidei e tive já o primeiro filho [que é o Felipe]
002		
003		
004		
005		
006		
007		
008		
009		
010	Fábio	[com dezesseis anos] °certo°
011	Michele	já tive meu primeiro filho
012	Fábio	ahh

4 Os nomes são fictícios.

5 Todos os eventos comunicativos foram transcritos de acordo com adaptações do modelo de transcrição elaborado por Loder (2008).

013	Michele	e:: no <u>namoro</u> foi aquela ilusão né? que é tu- que é:: a gente imagina
014		um:: mar de ROSAS né? achando que é tudo <u>perfeito</u>

Cumpramos destacar que, já na orientação da narrativa (1), observamos uma interseccionalidade entre gênero e classe social (cf. Collins, 2019; Sarti, 2011), à medida que a narradora se apresenta, desde o início, como *mulher, pobre e subalterna (Michele foi uma menina criada na família simples humilde)*. Na sequência, as “ações complicadoras” são atinentes à descrição das dificuldades financeiras e dos episódios de violência vivenciadas nos seios familiares: *nasci cresci em meio de pai alcólatra; uma situação um conflito quando acontecia de beber, ver batendo na minha mãe tudo sofrimento, roça chegamos pegando um período de roça ainda trabalhar em café*.

Nesse contexto, o casamento emerge como uma consequência das agruras vivenciadas durante a infância e adolescência, e não como um “projeto de vida realizado a dois”, como parece ser comum para outras determinadas classes sociais (*já completei os 15 anos aí já começou a vir o interesse de querer namorar já namorei já amiguei com 16 anos já engravidei*).

Cumpramos observarmos que a sequência avaliativa “*e no namoro foi aquela ilusão né? que é tu- que é a gente imagina um mar de rosas né? achando que é tudo perfeito*” faz referência ao ideal do amor romântico e ao valor positivo atribuído à mulher casada *feliz para sempre*. No entanto, ao enunciar essa experiência no passado como uma *ilusão*, emergem pistas significativas de uma tensão com essa determinada norma, que se materializa sob a forma de um modelo pré-estabelecido de uma maneira de se relacionar com o outro.

Na verdade observamos, pelas escolhas lexicais acionadas (*ilusão; que a gente imagina*), novos rompimentos com as expectativas pré-estabelecidas por uma determinada norma “ideal” de relacionamento. Ademais, o fato de o casamento ser retratado, na narrativa em análise, como uma espécie de consequência das experiências negativas vividas nos seios familiares e, por conseguinte, *mais um equívoco*, acaba por desvelar aspectos significativos para o entendimento das narrativas femininas apresentadas neste trabalho: distantes do ideal do amor romântico e, ainda, de um ideal de relacionamento assentado na *complementaridade homem-mulher*, as enunciadoras operam questionamentos e pequenas transgressões sobre esse mesmo *ideal*, os quais virão a tomar forma nas sequências das narrativas em análise, com consequências sobre o entendimento do ideal do relacionamento conjugal.

Nesse sentido, “como procedimentos de controle e delimitação internos ao discurso sobre o amor, as normas de gênero e de sexualidade, assim como as moralidades religiosas atravessadas por elas, são acionadas não somente como reiteração, mas também como elemento de transgressão e transformação (mesmo que pareçam ínfimos a um primeiro olhar)” (Andrade, 2018, p. 83-84).

Nas palavras de Butler (2014, p. 253-254), isso quer dizer que gênero seria

[...] o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. De fato, pode ser que o próprio aparato que pretende estabelecer a norma também possa solapar esse estabelecimento, que esse estabelecimento fosse como que incompleto na sua definição.

Assim, “o próprio aparato que pretende estabelecer a norma” também pode “solapar esse estabelecimento” (Butler, 2014, p. 254). É nesse sentido que a sequência das narrativas enunciadas por essas mulheres, embora permeadas por recorrências, não estabelecem, nem de longe, correspondências fixas entre seus trajetos e suas escolhas. Observe a sequência da narrativa (1) destacada em (2):

2.

001 002 043	Michele	e aí começou aparecer as coisas, meu namorado depois foi esposo né? <u>amigado</u> era alcóolatra <u>também</u> , aí depois piorou quando a gente amigou descobri que ele era usuário de [<u>droga</u>]
005	Fábio	[°meu Deus do céu°]
007 009 010 011 012 013 014 015 016 017 018 019 020 021 022 023 024 025 026	Michele	e aí ele:: deu a primeira <u>overdose</u> , (...) e aí:: depois disso eu fingia também que que não aconteceu <u>nada</u> mesmo assim não enfrentei a <u>situação</u> , continuei casada não contei nada pros meus <u>pais</u> , e aí daí pra aí que foi PIORANDO cada vez pior faz até chegar num ponto que ele foi <u>embora</u> uma vez me deixou com um <u>menino</u> uma casa <u>alugada</u> ficou quinze dias <u>fora</u> , aí eu não sabia o que eu fazia fui <u>trabalhar</u> , porque ele não se importava mais de trazer o sustento pra <u>casa</u> , já não se importava mais comigo eu falava pra ele <u>ameaçava</u> usava o filho que eu ia <u>embora</u> ele olhava bem no meu rosto e falava “tanto faz <u>você</u> tanto faz teu [<u>filho</u>]” ele falava “tanto faz vocês pra mim pouco <u>importa</u> ” falava na minha cara e eu ficava sem reação nunca contei pro pai pra mãe nunca contei nada pra irmão pra <u>ninguém</u> , as pessoas VIAM eu imaginava que não sabiam né? mas as pessoas VIAM né? (...) acho que chegou num ponto até de traficar ele mesmo [traficar] (...) aí eu quebrei o bar assim aí ele não fez nada não tinha força pra fazer nada comigo só me empurrou aí foi onde assim eu já vivia a minha vida por <u>viver</u> pelo meu <u>filho</u> e não sabia nem o que eu sentia mais se eu gostava ou se eu não gostava >mas eu também não tive atitude de ir embora< só não consegui mais olhar pra ele sentimento parece que mo=morreu [ali]
027	Fábio	[morreu]
028	Fábio	[TUdo na] tua vida aconteceu muito cedo

029	Michele	é:: não tinha conhecimento de [nada]
047	Fábio	[é]
030	Fábio	[mas] você separou dele?
031	Michele	não [nunca]
032	Fábio	[não separou] e ele está com [você?]
033 034	Michele	[nunca] hoje hoje aí mudou [hoje]
035 036	Fábio	[ele mudou]
037 038 039 040 041	Michele	mudou totalmente nossa vida aí ele comecei ir pra igreja de repente ele começou ir atrás de mim só pra ver o que eu tava fazendo né? >↑porque eu parei de ficar preocupada com ele abando- deixei< e só vinha fazendo aquilo cuidar do meu filho trabalhar vinha pra igreja ↑me me me AJUDAVA pra mim poder ajudar ele
042	Fábio	sei
043 044	Michele	e até que um dia ele me pediu ajuda que ele não aguentava mais que ele precisava de ajuda
045	Fábio	e você ofereceu [essa ajuda]
046 047 048 049	Michele	[e:: isso] aí eu ajudei nós ficamos aí ele falou que nunca mais ia fazer isso >e ↑aquele dia na verdade eu não acreditei muito mas foi mesmo a última vez que ele falou que ia por alguma coisa na boca tudo< e nunca mais e aí:: hoje ele é até pastor ((risos))

Em (2), observamos que as diversas “ações complicadoras” operam fraturas significativas sobre o *ideal do amor romântico*, o *mar de rosas* que pressupõe que esposa e marido seriam *felizes para sempre: meu namorado depois foi esposo né? amigado era alcóolatra também, aí depois piorou quando a gente amigou descobri que ele era usuário de droga; deu a primeira overdose; aí foi aparecendo cada vez mais pior; acho que chegou num ponto até de traficar ele mesmo traficar, me empurrou*, dentre outros.

Nesse contexto, a narradora tanto coloca em questão seus próprios sentimentos (*não sabia nem o que eu sentia mais se eu gostava ou se eu não gostava; só não consegui mais olhar pra ele sentimento parece que morreu ali*), como também aponta para uma ruptura fundamental sobre a moral em que se alicerçam os papéis familiares de esposa e de marido para as classes populares. Sob essa ótica

[...] a moral do homem, que tem força e disposição para trabalhar, articula-se à moral do provedor, que traz dinheiro para dentro de casa [...]. Trabalhar para si aparece, tanto para o homem quanto para a mulher, como uma atividade sem

razão de ser. [...]. No caso do homem, o “bom trabalhador”, além de ser aquele que tem disposição para trabalhar, é sobretudo o “bom provedor”. Importa que ele traga dinheiro para dentro de casa, como exprimem as mulheres sobre seus maridos. Assim, o “bom marido” é sempre descrito como aquele que trabalha, não joga e não bebe (Sarti, 2011, p. 95-96).

É justamente nesse contexto que podemos inserir as ações complicadoras *foi embora uma vez me deixou com um menino uma casa alugada ficou quinze dias fora, aí eu não sabia o que eu fazia fui trabalhar, porque ele não se importava mais de trazer o sustento pra casa, já não se importava mais comigo eu falava pra ele ameaçava usava o filho que eu ia embora ele olhava bem no meu rosto e falava “tanto faz você tanto faz teu filho”*.

De uma maneira mais geral – e, portanto, mais atrelada ao contexto “macro” – podemos apontar dois grandes sistemas de coerência (cf. Linde, 1993) governando a narrativa em questão. Defenderemos que, longe se serem independentes, esses sistemas se entrelaçam e se complementam, articulando as moralidades relacionadas a gênero e religiosidade.

Cumprir destacar, antes de mais nada, que de acordo com Linde (1993) há sempre princípios de coerência guiando a prática sociodiscursiva de se contar histórias. Segundo a autora, a coerência é garantida pelo emprego de determinadas estruturas discursivas “que provêm um ambiente no qual uma declaração pode ou não pode ser tomada como a causa de outra declaração” (Linde, 1993, p. 1). Crenças de senso comum, teorias especializadas ou apropriações populares de teorias especializadas podem funcionar como esses “sistemas de coerência”, que estipulam determinadas relações entre eventos narrativos. São justamente os sistemas de coerência que estão na base da construção dos elos (sequenciais e causais) entre os elementos da narrativa.

No caso da entrevista em questão, um primeiro grande sistema de coerência que pode ser apontado diz respeito àquele que é norteado por uma *moral cristã*, de acordo com a qual a enunciativa, vivendo o amor e o relacionamento como uma norma de gênero, faz emergir sua disposição de *se doar ao parceiro até o fim*. No contexto dessa moral, responsável por articular gênero e religiosidade, haveria determinadas formas “corretas” de se agir e culpabilidade, por parte das mulheres “ao pensar em terminar um casamento, de achar que viveriam em pecado caso o fizesse, ou estariam sendo fracas por desistirem” (Andrade, 2018, p. 108-109). É essa a identidade que a narradora busca construir para si e é nesse contexto que podemos inserir os excertos *continuei casada não contei nada pros meus pais, mas eu também não tive atitude de ir embora* e a resposta à pergunta, *mas você separou dele? não, nunca*.

Também Linde (1993), ao estudar determinados sistemas de coerência americanos, aponta que a teoria da predestinação Calvinista, predominante no século XVIII, foi sendo

gradativamente substituída por uma determinada “Teologia da Prosperidade”, assentada na crença da eficácia da vontade individual. Nesse contexto, Deus operaria uma retribuição a todo o crente que acreditasse nessa sua retribuição.

Não por acaso sua *conversão* é apresentada, pela narradora, como o “ponto de virada” (cf. Mishler, 2002), um evento específico e disruptivo – mas, no caso da narrativa em análise, operado de forma gradual – que transforma sua vida (*aí eu comecei a procurar ajuda apareceu uma irmã né? que é evangélica minha mãe sempre foi também e procurei ajuda na igreja e comecei frequentar ouvir a palavra isso foi me alimentando, me confortando, e aí aquilo da minha vida que eu vivi eu tirei, não ficar vivendo aquilo, comecei viver o que eu tava aprendendo e buscar ajuda nessa parte, e fui buscando, e hoje pra graça de Deus Deus me foi me dando graça sabedoria (...)*), momento avaliado como crucial para o estabelecimento de uma nova norma padrão para a relação (*aí através da igreja eu aprendi a lidar nos momentos reagir na hora que ele chegava nessas situações como lidar como conversar, eu via que a atitude que eu tinha de agredir de gritar de xingar de fazer isso não resolvia nada*).

Nesse contexto, a “resolução” da narrativa – *hoje ele é até pastor* – aponta para um entrelaçamento completo entre as moralidades atinentes às questões de religiosidade e gênero, além de iluminar o contexto da identidade que a narradora busca construir sobre si mesma: o prêmio para a mulher que acreditou em Deus e que, assim, teve sua retribuição, por um lado; por outro lado, a valorização meritocrática que deve ser atribuída a uma mulher que, pautada por uma moral cristã sobre gênero, não desistiu rapidamente da vida a dois, seja pelo filho, pela família ou pelo amor. Afinal, conforme aponta Andrade (2018, p. 65), “sofrer por amor estaria, assim, autorizado em nome de um desejo de felicidade, de sucesso e de realização dos projetos pessoais” (Andrade, 2018, p. 65).

Afirmamos anteriormente que as entrevistadas enunciam diferentes trajetórias que se mostraram mecanismos polissêmicos de produção de subjetividades, refletidos nas maneiras pelas quais passam a se relacionar como o outro e consigo mesmas, e demonstram aquilo que suportavam viver e não viver mais. Afirmamos ainda a impossibilidade de se estabelecer perfis rígidos para as categorias de gênero e de classe social e muito menos de se estabelecer determinado caminho fixo na busca dessas mulheres para suportar, superar ou enfrentar as relações violentas.

Nesse contexto, por vezes, a permanência em uma relação ruim pode ser questionada pelas narradoras, gerando novas transgressões sobre as normas atreladas a questões de gênero. Observe:

3.

001	Fernanda	muita briga aí houve a separação aí aos quatorze anos fui morar com
002		meu pai aí logo comecei a ter amizade que <u>beb</u> ia saía pra <u>balada</u> aí
003		fiquei grávida com quinze anos não tive infância não tive é:: juvenTUde
004		nada disso. E continuei trabalhando né? achei que ia ter uma vida
005		melhor depois do casamento mas não foi nada fácil porque eu tinha um
006		marido que me batia [inaudível]
007	Fábio	[você era agredida]
008	Fernanda	uhumm muita agressão eu ainda de menor achava que dependia dele pra
009		tudo né? mas aí com o passar do tempo eu fui aprendendo a viVER fui
010		criando coRAGEM decidi denunciÁ-lo foi pre::so aí (.) e com o passar
011		do tempo fui morar sozinha com meus filhos trabalhei sempre até hoje
012		trabalho não moro com meu espo::so que é pai dos meus filhos e graças
013		a Deus eu venci na VIda
014	Fábio	Uummm
015	Fernanda	E ainda continuo lutando faço faxina sou faxineira com orgulho e agora
016		consegui uma profissão de manicure faço minhas unhas de final de
017		semana feria::dos e:: graças a deus meus filhos <u>estudam</u> têm uma boa
018		educação que eu conseGUI né? passar pra eles uma boa educação e
019		eu sempre falo que eu não quero tratar meus filhos do jeito que eu fui
020		criada
021	Fábio	e como você foi criada?
022	Fernanda	era muita violência dentro de casa. minha mãe sempre me bati::a não
023		tinha diálogo com minha mã::e não tive uma mãe amiga por isso que eu
024		engravidei ce::do então achava que era mais fácil ir morar com um rapaz
025		mesmo sem gostar dele do que ficar dentro da casa da minha mãe
026		aguentando humilhação
027	Fábio	E assim que você –você fugiu?
028	Fernanda	fugi fui morar com o rapaz aí eu descobri que eu tava grávida com
029		quinze anos dezesseis anos eu já tava morando na minha casinha com
030		o pai dos meus filhos e sofrendo agressões ↑aí TUdo o que aconteceu
031		com minha mãe também de::dela apanhar aconteceu comigo aí eu
032		ficava pensando será que é normal né? tudo o que a minha mãe viveu eu
033		viver? aí eu pus um BAsta falei não eu não vou ficar pro resto da vida
034		desse jeito . eu posso vencer
035	Fábio	e você?
036	Fernanda	venci
037	Fábio	você venceu

No caso da narrativa destacada em (3), a sequência de “ações complicadoras” *eu tinha um marido que me batia, muita agressão eu ainda de menor* é sucedida pelo “ponto de

virada” – também operacionalizado de maneira gradual, como em (2) – *eu fui aprendendo a viver fui criando coragem decidi denunciá-lo foi preso*, apresenta um percurso e uma resolução completamente diferentes daqueles observados em (2). Nesse caso, as diversas “avaliações” elaboradas pela narradora, responsáveis – mais uma vez – por instanciar as dimensões morais da narrativa em análise, conforme preconizado por Linde (1993), questionam e desnaturalizam noções convencionalizadas sobre gênero – seja a questão da submissão intransigente da mulher ao homem, característica do machismo hegemônico (*achava que dependia dele pra tudo*), seja o ideal cristão de acordo com o qual seria preciso, em um relacionamento conjugal, *doar-se ao outro até o fim (aí tudo o que aconteceu com minha mãe também dela apanhar aconteceu comigo aí eu ficava pensando será que é normal né? tudo o que a minha mãe viveu eu viver?)*.

Cumpramos acrescentarmos que, de acordo com Sarti (2011), em seu estudo acerca dos aspectos morais atinentes às classes populares, o trabalho para sustentar os filhos redime a mulher “mãe solteira”, que se torna provedora. Subordinado à maternidade, o trabalho torna-se “um aspecto capaz de conferir à mulher a mesma autonomia moral que é reconhecida no homem/trabalhador/provedor” (p. 76). Na ausência da figura masculina, a mulher tem a “disposição para aceitar qualquer batente [...], porque o significado de seu trabalho remunerado é mediado pelo seu papel de mãe e dona-de-casa, para suprir o que sabe que está faltando” (p. 102). É nesse contexto que podemos compreender os excertos *trabalhei sempre até hoje trabalho, e ainda continuo lutando faço faxina sou faxineira com orgulho e agora consegui uma profissão de manicure faço minhas unhas de final de semana feriad*os.

No caso das “resoluções” *graças a Deus eu venci na vida* (relacionada ao fragmento narrativo destacado entre as linhas 1 a 12), e *venci*, podemos afirmar que lançam luz sobre um grande sistema de coerência que governa a narrativa como um todo, completamente distinto daquele observado em (2). “Vencer”, neste caso, diz respeito tanto à superação, por parte da narradora, das barreiras que delimitam as moralidades atinentes ao ideal cristão de *doar-se ao outro até o fim* quanto à adoção do exercício do *cuidado de si*, uma prática típica de espaços terapêuticos que se transforma, por assim dizer, em uma nova prática discursiva. Estabelece-se, assim, nos termos de Butler (2014), uma nova gramática de intelegibilidade, de acordo com a qual a narradora se apropria de novas ferramentas, que buscam *fortalecê-la* e *protegê-la* de certas *armadilhas*, para que possa questionar *ilusões*.

É nesse sentido que, a partir do exercício de olhar para si mesma, um novo trajeto é percorrido, assentado na transformação de condutas e pensamentos, e derivado do caráter violento e destrutivo da relação. Essa “quebra de expectativa” (cf. Moita Lopes, 2001) aponta para uma mudança da narradora ao longo do tempo, a qual passa a agir de outra forma e a apresentar divergências de valores em relação ao senso comum.

Esse novo regime moral questiona normas de gênero, moralidades religiosas e o ideal do amor romântico. Conforme aponta Andrade (2018, p. 215), “trabalhar sobre memórias e emoções fraturadas em relações violentas e destrutivas exigia”, por parte das mulheres, “um olhar para si mesma”. E, ainda,

[...] as Pedagogias do Cuidado de Si abrem possibilidades múltiplas e imprevisíveis para a construção de maneiras de habitar mundos pelas *mulheres* (conexões alineares entre passado-presente-futuro). Seja no *controle dos excessos*, pela busca do *autoconhecimento* e da *autonomia* ou pelo *fortalecimento da autoestima*, suas proposições constroem noções e parâmetros de subjetividade: o *cuidado de si é libertador* e produz não somente *mudanças internas*, mas também *mudanças nas relações com o outro*. Esse outro ente da relação extrapola os relacionamentos amorosos, ele abrange as relações familiares, de filiação, de amizade ou constituídas no ambiente de trabalho (p. 249).

A questão do cuidado de si foi trazida à tona, inicialmente, por Michel Foucault, em “História da Sexualidade” (2009 [1976]). Para o autor, o “cuidado de si” demandaria a necessidade do sujeito se transformar para que tivesse acesso à verdade, e essa verdade seria inacessível sem uma “conversão” do sujeito a si mesmo, uma transformação pautada num movimento de *áskesis*, mediante o qual ele se torna o próprio responsável por seus pensamentos e ações (Foucault, 2009, 2010).

No caso das narrativas analisadas em (3), podemos afirmar que as “transgressões” que operam sobre uma determinada norma de gênero, materializadas sobretudo pela *prática do cuidado de si* ratificam, ainda, a posição assumida por Bastos (2005, p. 80) sobre análises de narrativas, já que a autora sustenta que, “a cada performance”, as histórias sofrem influência “em função das especificidades da situação, o que traz também a possibilidade da interferência na estrutura social normativa”.

Considerações finais

Adotando como pressuposto o quadro teórico oferecido pela Análise da Narrativa, o presente trabalho buscou analisar e descrever narrativas de histórias de vida de mulheres pobres, atendidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de um pequeno município do Noroeste Paulista, que vivenciaram relacionamentos conjugais violentos e destrutivos, com o objetivo de observar e descrever como essas mulheres operam discursivamente e constroem as suas identidades a partir de determinados aspectos normativos estabelecidos socialmente, atinentes aos atravessamentos de “gênero”, “raça” e “classe social”.

Com a análise dos dados, foi possível constatar o forte e indiscutível imbricamento entre tais atravessamentos, ratificando a necessidade teórica apontada pelas teorias interseccionais de gênero (cf. Collins; Bilge, 2016) de se compreender o sujeito social sempre constituído pela interseccionalidade, como traços performativos imbricados, por meio dos quais esses sujeitos constroem suas identidades sociais e atribuem sentidos ao mundo ao seu redor.

Partindo da proposta “canônica” de análise de narrativa elaborada por Labov e Waletzky (1968) e Labov (1972), e em especial as propostas ditas “não canônicas”, sobretudo aquela apresentada por Linde (1993, 1997), as “avaliações” que emergiram nas narrativas em análise assumiram papel central para o processo de descrição. Ratificando a associação estabelecida entre “avaliação” e dimensão moral da narrativa, foi possível entrever, nesses momentos avaliativos, crenças, valores, afiliações e posicionamentos assumidos pelas narradoras.

Na verdade, nas avaliações das narrativas analisadas, geralmente apresentadas após uma sequência de ações complicadoras que diziam muito sobre a violência dos relacionamentos vividos, foi possível observar como as narradoras sustentaram ou operaram fissuras significativas sobre as normas de gênero e classe social vigentes. Se o casamento emergiu, em uníssono, como uma “porta de saída” da violência perpetrada pelos pais e das dificuldades financeiras encontradas nos seios familiares, uma tentativa de *melhorar de vida* – um aspecto normativo que operacionaliza os elementos discursivos imbricados de uma determinada norma de gênero e classe social, fortemente associado a uma moral característica das classes populares que atribui ao homem o papel de provedor – a mesma recorrência não pode ser atribuída a outros aspectos normativos analisados.

Observamos, em um primeiro momento, um primeiro grande sistema de coerência norteado por uma *moral cristã*, de acordo com a qual a enunciadora, vivendo o amor e o relacionamento como uma norma de gênero, faz emergir sua disposição de *se doar ao parceiro até o fim*. Nesse contexto, seus enunciados procuraram destacar a coragem e a persistência de uma mulher que não desistiu rapidamente da vida a dois, seja pelo filho, pela família ou pelo amor, em meio a uma série de imponderáveis: os julgamentos de pessoas conhecidas e desconhecidas; o flerte com a loucura e o descontrole de si, bem como as situações de uma vida precária atravessada por outras violências (culpabilizações, pobreza, acusações, etc.).

Concorrendo com essa norma instituída de gênero, observamos, na outra narrativa, fissuras significativas. Nesse sentido, ratifica-se a posição assumida por Butler (2014) de acordo com a qual, embora “gênero” faça referência ao mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, enquanto mecanismo ilimitado de produção de discursividades, a categoria “gênero” também coloca esses aspectos em questão, produzindo transformações nas convenções sociais generificadas.

Por “fissuras” entendemos, na análise da narrativa (3), a emergência de fortes questionamentos acerca das moralidades atinentes ao ideal cristão de *doar-se ao outro até o fim* e à adoção, por outro lado, por parte da narradora, da *prática do cuidado de si*.

Os aspectos morais assumidos pelas narradoras em questão, apesar de concorrentes, apontaram para novas formas de habitar mundos saudáveis, sem sofrimento nem violência. Em ambas as entrevistas analisadas, observamos que um novo trajeto foi percorrido, com transformação de condutas e pensamentos, fruto da agência individual de cada uma das narradoras.

É exatamente nesse sentido que este artigo propõe oferecer uma leitura sobre as maneiras pelas quais as mulheres negras e pobres se constroem como agentes de mudanças em suas vidas, oferecendo assim narrativas “positivas” para o ativismo feminista negro contemporâneo. A agência dessas mulheres foi construída frente a experiências de sofrimento *intenso*, como a *pobreza extrema*, o *alcoolismo*, a *opressão* e a *violência*. E em todas as narrativas analisadas, a “saída” foi “pela porta”.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. *“Mas vou até o fim”*: narrativas femininas sobre experiências de amor, sofrimento e dor em relacionamentos violentos e destrutivos. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópico*, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. Introdução: entrevista, narrativa e pesquisa. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (org.). *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2013. p. 9-18.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA*, v. 31, n. especial, p. 97-126, 2015.

BIAR, L. *"Realmente as autoridades veio a me transformar nisso"*: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. 2012. 246 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. *Convivência e Fortalecimento de Vínculos*. Ministério da Cidadania, Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BUTLER, J. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014 .

COLLINS, P. H. *Pensamento Feminista Negro*: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press, 2016.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GEE, J. P. *An introduction to Discourse Analysis: theory and method*. London/New York: Routledge, 2005.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LINDE, C. *Life stories*. The creation of the coherence. Nova York: Oxford University Press, 1993.

LINDE, C. Evaluation as linguistic structure and social practice. In: GUNNARSSON, B. L.; LINELL, P.; NORDBERG, B. (org.). *The construction of professional discourse*. Londres: Longman, 1997. p. 151-172.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 127-160.

MISHLER, E. G. The analysis of interview-narratives. *In*: SARBIN, T. R. (org.). *Narrative Psychology. The storied nature of human conduct*. New York: Praeger, 1986.

MISHLER, E. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. *In*: MOITA LOPES, L. P. C.; BASTOS, L. C. (org.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 97-119.

MOITA LOPES, L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. *In*: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Ipub, 2001. p. 55-71.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIESSMAN, C. K. *Narrative Methods for the Human Sciences*. Londres: Sage, 2008.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2011.